

## ENTRE A “PISTA” E A “ARQUIBANCADA”: IDENTIDADES, MEDIÇÕES CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADANIA TORCEDORA

Hugo Macedo de Araújo<sup>1</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é compreender o intenso jogo interativo a partir do qual as identidades torcedoras são constituídas, dando atenção especial para as mediações com a esfera da política e a subsequente construção de uma “cidadania torcedora”. As categorias “pista” e “arquibancada”, revelada em alguns discursos nativos coletados, serão um importante marco de referência para os desdobramentos pretendidos. Tratam-se de duas categorias socioespaciais que articulam diferentes paradigmas socioculturais nas sociabilidades torcedoras, orientando a formulação das identidades nesse âmbito. O eixo teórico-conceitual se concentrará nas noções de “projeto” e “metamorfose” utilizadas por Gilberto Velho (1994), em sua análise da constituição de identidades em sociedades complexas, e nos conceitos de “identidade-eu” e “identidade-nós” empregadas por Norbert Elias (1994) em sua abordagem da formação social das estruturas de pertencimento na modernidade.

**Palavras-chave:** torcidas de futebol; identidade; mediação cultural; cidadania.

### **Between the “pista” and the “arquibancada”: identities, cultural mediations and the construction of a football supporter citizenship**

**Abstract:** The purpose of this article is to understand the intense interactive game that builds the football supporters identities, giving special attention to mediations with the political sphere and the subsequent construction of a “football supporter citizenship”. The categories “pista” and “arquibancada”, revealed in some native speeches collected, will be an important benchmark for the intended developments. These are two socio-spatial categories that articulate different sociocultural paradigms in supporter sociabilities, guiding the sources of identities in this context. The theoretical-conceptual axis focuses on the notions used by Gilberto Velho (1994), in his analysis of the constitution of identities in complex societies, and on the concepts of “I-identity” and “we-identity” employed by Norbert Elias (1994) in his approach to the social formation of the structures of belonging in modernity.

**Key-words:** football supporters; identities; cultural mediations; citizenship.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com ênfase em Sociologia. Mestrando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [hugomacerujo@gmail.com](mailto:hugomacerujo@gmail.com)

## Introdução

O mês de março de 2020 marcou o início de uma situação até então inédita para os torcedores de futebol de todo o planeta. O alastramento do novo coronavírus conformou um cenário pandêmico que fez com que praticamente todas as competições esportivas ao redor do mundo tivessem que ser disputadas sem a presença de público. Confinado às transmissões televisivas, o futebol perde um de seus elementos mais instigantes: a experiência do estádio de futebol. Pela telinha escuta-se apenas os gritos de treinadores, jogadores e árbitros rasgando o silêncio de estádios totalmente vazios, órfãos de seu ator principal: o torcedor.

Se é verdade que a pandemia privou os torcedores da experiência do estádio, também é verdade que, mesmo antes dessa conjuntura, os usos desses equipamentos urbanos já vinham passando por mudanças substanciais. A consolidação do novo paradigma de gerenciamento capitalista do futebol vem reconfigurando paulatinamente as formas de apropriação popular do esporte, condenando à marginalidade atores coletivos que mobilizam identidades que não cabem nas pretensões privatizantes e gentrificadoras do mercado<sup>2</sup>.

Os alvos preferenciais desse movimento vêm sendo as chamadas torcidas organizadas, agrupamentos torcedores - em sua maioria fundadas entre os anos 1960 e 1970 - que se estabeleceram como importantes vetores de socialização para os jovens periféricos das grandes metrópoles brasileiras. Mobilizando códigos de lealdade que valorizam condutas de enfrentamento em relação aos torcedores de clubes adversários, muitos de seus associados vivem o pertencimento clubístico por intermédio da entrega física e emocional à torcida. Nesse contexto, padrões de masculinidade apoiados na disposição física para defender a honra do grupo tornam-se o combustível de um ciclo de confrontos entre torcedores rivais que ganhou cada vez mais repercussão nos grandes veículos de comunicação, compelindo agentes do aparato repressivo estatal a agir energicamente.

---

<sup>2</sup> Não me aprofundarei em relação a essas pretensões neste artigo. Contudo, cabe mencionar, de modo bem resumido, que elas se ancoram na seleção de públicos e comportamentos que priorizam o consumo passivo e individualizado do espetáculo esportivo, interditando sociabilidades que se projetem como vivências coletivas do espaço público.

A aprovação do Estatuto de Defesa do Torcedor em 2003 e, principalmente, sua reforma em 2010, estabeleceu diretrizes para o combate à violência no futebol que se valem de mecanismos de punição na pessoa jurídica das agremiações torcedoras, impedindo-as de frequentarem os estádios com seus materiais e indumentárias. Somado a isso, a autonomia com que o Ministério Público e a Polícia Militar de cada estado atuam favoreceu um proibicionismo discricionário, onde, sob o pretexto de combater a violência, agentes institucionais estabelecem o que se pode e o que não se pode nas praças esportivas. Aos poucos, o futebol brasileiro assistiu a uma paulatina forma de controle de tradições coletivas que haviam se desenvolvido enquanto festa popular nos estádios brasileiros ao longo do século XX.

Diante desse quadro, fortaleceram-se algumas tendências nos movimentos de torcida<sup>3</sup> que articulam linguagens voltadas para a luta por direitos. Valorizando outras formas expressivas e expandindo seus horizontes de atuação, tentam reorganizar os códigos de conduta presentes nas torcidas organizadas. Nesse cenário, ganha relevo no discurso de alguns atores uma dualidade entre “arquibancada” e “pista”, duas categorias nativas de natureza socioespacial que condensam diferentes paradigmas socioculturais nas sociabilidades torcedoras.

Se a “arquibancada” refere-se primordialmente à esfera da festa popular, da apropriação coletiva do espetáculo esportivo, a ideia de “pista” é pensada como espaço de sociabilidades associadas a códigos de lealdade que enfatizam a coragem para defender a honra dos agrupamentos torcedores em contendas físicas contra grupos rivais. Ela carrega a referência a trajetos e territorialidades associados ao deslocamento de grupos de torcedores pelo espaço urbano, e aos riscos e perigos que se apresentam durante esses percursos.

Posto isso, o objetivo deste artigo é compreender como o intenso jogo interativo a partir do qual as identidades torcedoras se constituem introduz mediações com a esfera da política, servindo de base para a construção de uma

---

<sup>3</sup> A denominação “movimentos de torcida” é adotada aqui para dar conta da pluralidade de atores coletivos do universo torcedor. Como veremos, essas coletividades mobilizam formas de expressão e atuação significativamente distintas que nem sempre se encaixam na nomenclatura mais usual “torcidaorganizada”.

“cidadania torcedora”. A dualidade ideal entre “pista” e “arquivancada” revelada nos discursos nativos será um importante marco de referência para os desdobramentos pretendidos. Os discursos nativos foram coletados tanto através de entrevistas semi-estruturadas com membros da torcida vascaína<sup>4</sup> Guerreiros do Almirante (GDA), como por intermédio do acompanhamento de *lives* em canais do *YouTube* voltados para o universo torcedor, com destaque especial para o canal da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG).

Quanto ao arcabouço teórico-conceitual, recorrerei a conceitos utilizados por Gilberto Velho (1994) em sua análise da dinâmica entre permanência e mudança na trajetória dos indivíduos em sociedades complexas. Também farei uso das noções de “identidade-eu” e “identidade-nós” empregadas por Norbert Elias (1994) em sua abordagem da formação social das estruturas de pertencimento dos indivíduos na modernidade.

### **Considerações teórico-metodológicas: identidade e associativismo torcedor**

Tanto Gilberto Velho quanto Norbert Elias buscaram desenvolver marcos teórico-conceituais para apreender a produção de identidades no contexto das sociedades modernas. Ambos os autores destacam que estas são caracterizadas pelo seu caráter heterogêneo, onde a coexistência de diferentes modos de vida e planos de integração social estrutura experiências sociais multifacetadas através das quais as identidades forjam-se em um constante deslocamento entre “mundos e províncias de significado” (VELHO, 1994, p. 22).

Se a veia antropológica de Velho privilegia o momento da interação social e as “redes de significados”<sup>5</sup> que ele mobiliza na dinâmica de papéis sociais desempenhados pelos indivíduos em suas trajetórias existenciais, Elias adota uma perspectiva histórico-sociológica, observando os processos de longa duração

---

<sup>4</sup> Club de Regatas Vasco da Gama, da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Oriundo da antropologia hermenêutica de Clifford Geertz, o termo “redes de significados” - em inglês *web of meanings*- é utilizado por Velho em sua definição do conceito de cultura. Segundo Velho, a cultura consiste em uma linguagem que expressa uma determinada rede de significado.

que geraram o adensamento das redes de interdependência social<sup>6</sup> nas quais os seres humanos realizam a integração social e os seus desdobramentos para a estrutura de comportamento social das pessoas.

Em suma, esses dois pensadores estão, cada um a seu modo, procurando entender a partir de quais bases socioculturais os indivíduos tecem vínculos e laços de pertencimento, desenvolvendo, assim, formas específicas de dizer “eu” e “nós” nas modernas sociedades urbanas. Uma vez que essas se caracterizam por uma intensa mobilidade entre suas redes de significados e de interdependência social, elas oferecem uma gama de opções em termos de associação humana, fazendo com que a localização social dos indivíduos - isto é, os laços de pertencimento e lealdade segundo os quais os indivíduos elaboram sua identidade - adquira um caráter volátil e oscilante.

Para dar conta dessa mobilidade identitária, Gilberto Velho elaborou dois conceitos interdependentes: o de campo de possibilidades e o de projeto (Velho, 1994, p.8). O primeiro expressa essa dimensão sociocultural diversificada da vida moderna, constitutiva de modelos, paradigmas e mapas que orientam os sujeitos em suas trajetórias. O segundo - como o próprio nome sugere - diz respeito a essas formas de projeção de si que as pessoas implementam em suas relações com os outros. Trata-se de um conceito que compreende essa dimensão relativamente consciente do indivíduo na deliberação de aspirações e formas de viver no mundo a partir das circunstâncias do campo de possibilidades que, simultaneamente, constroem e se inserem.

Segundo Velho (1994), as identidades dos indivíduos são construídas a partir da articulação de um projeto com um senso de biografia encadeado pela memória. Uma vez que um projeto só existe no mundo da intersubjetividade, isto é, na sua interação com outros projetos, a identidade de seu sujeito, a forma segundo a qual ele diz “eu” e “nós”, dependerá da interação de seu projeto com outros domínios e redes de significado e interdependência social, desencadeando,

---

<sup>6</sup> Segundo Elias, as noções de “indivíduo” e “sociedade” não podem ser compreendidas como se fossem substâncias isoladas que se determinam. Para o autor, indivíduo e sociedade só podem ser compreendidos sociologicamente a partir das relações de interdependência que os homens formam entre si. É essa rede de dependências que as pessoas exercem umas em relação às outras que denominamos de “sociedade”.

assim, processos de mediação cultural, ou, para mencionar outro termo utilizado por Velho (1994), de “negociação da realidade”:

[...] o projeto é o instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo. O projeto não é abstratamente racional, como já mencionei, mas é resultado de deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito. [...] A identidade, por conseguinte, depende dessa relação do projeto do seu sujeito com a sociedade, em um permanente processo interativo (VELHO, 1994, p. 103-104)

Portanto, todo projeto implica na negociação de códigos e sistemas de valores a partir dos quais os indivíduos se associam entre si e desenvolvem formas de dizer “eu” e “nós” em diferentes situações sociais. É essa dialética da alteridade que desencadeia processos segundo os quais sujeitos são localizados e deslocados em contextos distintos, forjando múltiplos sentidos de pertencimento (DULLEY; Muniagurria, 2020).

No entanto, na medida em que a multiplicidade de planos de integração social é o que caracteriza a modernidade, esse jogo entre associação e conflito entre as pessoas opera em múltiplos níveis de sua existência:

[...] as pessoas podem dizer “nós” a respeito de suas famílias ou amigos, dos lugarejos ou cidades em que moram, das nações, das unidades pós-nacionais que congregam diversas nações e, finalmente, da humanidade. Logo se vê que a intensidade da identificação varia amplamente, conforme esses diferentes planos de integração. (ELIAS, 1994, p. 166)

A identificação, portanto, depende de uma balança nós-eu que irá variar de pessoa para pessoa segundo os planos de integração social a partir dos quais as suas relações de interdependência são construídas. A título de exemplo, duas pessoas residentes em um mesmo bairro podem possuir um senso de pertencimento mais ou menos intenso em relação ao território em que vivem. Isso dependerá da trajetória de cada uma e das mediações socioculturais através das quais elas se projetam no mundo. Alguém cuja trajetória foi toda marcada pelas relações de vizinhança tende a construir uma identidade-nós mais bem delimitada em relação ao bairro e uma identidade-eu mais bem delimitada em relação ao que lhe é exterior. Por outro lado, alguém recém-chegado ao bairro que

construiu outras redes de relações sociais ao longo da vida tenderá a possuir uma identidade-eu mais delimitada em relação aos seus vizinhos e uma identidade-nós mais forte em relação a outros planos. Ela também poderá construir uma identidade-nós em relação ao bairro, no entanto, o faremos de maneira mais individualizada e autônoma.

Logo, não há identidade-eu sem identidade-nós, tudo o que varia é como esses pertencimentos são produzidos, vividos e constantemente reelaborados na experiência social dos sujeitos. Quanto mais numerosos são os planos de integração social que o indivíduo constrói, mais multiestratificada é a identidade-nós implicada na elaboração de seus projetos. Essa latência dos laços de pertencimento na vida moderna implica no que Velho (1994, p. 29) denominou de “potencial de metamorfose”.

Mas afinal, qual a utilidade desse recorte teórico no que diz respeito às sociabilidades torcedoras? A resposta é que essas mobilizam diferentes formas de pertencimento e engajamento emocional. As categorias “pista” e “arquibancada” expressam diferentes domínios de sociabilidade que sinalizam para a formulação de diferentes projetos, implicando em diferentes formas de vivenciar o associativismo torcedor. O tipo de relação eu-nós que se desenvolve nesses domínios é essencial para essa diferenciação. Em seu estudo sobre os diferentes modelos de sociabilidades representados por dois diferentes agrupamentos torcedores do Botafogo de Futebol e Regatas - a Loucos pelo Botafogo e a Fúria Jovem do Botafogo - Menezes (2010) já apontava para essas formas distintas de se projetar enquanto coletividade. Se na “Fúria” o ideal de grupo exerce um papel mais intenso na elaboração dos projetos de seus integrantes em relação ao clube e ao universo torcedor de maneira geral, na “Loucos” cultiva-se uma relação mais individualizada de doação missionária ao clube, mesmo que ainda em um contexto coletivo.

Neste artigo, a maior parte dos atores selecionados têm suas trajetórias pessoais marcadas pela proximidade com a torcida Guerreiros do Almirante (GDA) e a Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (ANATORG). A GDA é uma torcida do Rio de Janeiro associada ao Club de Regatas Vasco da Gama. Surgida em 2006 como uma dissidência puxada por integrantes da principal torcida organizada do clube, a Força Jovem do Vasco, a GDA mobiliza

um repertório expressivo inspirado nas chamadas “barras”, movimentos de torcida muito difundidos nos países hispânicos da América do Sul, em especial no Uruguai e na Argentina. Sua ascensão se deu em um contexto onde surgiam movimentos parecidos nos demais clubes do Rio, muito em função do desgaste cada vez maior das já consolidadas torcidas organizadas. Acionando estratégias de diferenciação destas, a GDA representou uma novidade nos jogos do Vasco, crescendo significativamente nos anos subsequentes a sua fundação.

Já a ANATORG é uma entidade fundada em 2014 que busca congregiar as diferentes torcidas organizadas do Brasil em torno de uma agenda reivindicatória comum. Mobilizando críticas às políticas de segurança punitivistas, ao proibicionismo indiscriminado a materiais e artefatos que compõem o repertório das torcidas, à falta de diálogo institucional com o Estado e à elitização cada vez mais ostensiva dos estádios de futebol, a ANATORG busca conscientizar os torcedores organizados a respeito da necessidade de abstrair rivalidades em favor de um bem maior. A iniciativa surgiu de uma articulação nacional de lideranças de torcidas preocupadas com o rumo das associações torcedoras no contexto de uma abordagem cada vez mais criminalizante adotada por setores da imprensa e do Estado.

Apesar da grande diferença entre esses dois grupos, sobretudo no que diz respeito aos seus respectivos horizontes de atuação (a ANATORG é uma entidade supraclubística, enquanto que a GDA é uma “torcida” na acepção da palavra), é possível constatar aproximações na fala de seus membros e simpatizantes quanto a “identidade-nós” que mobilizam, principalmente quando contrastadas com a “cultura da pista”, encarada por ambos como uma linguagem que deve ser superada - ou, no mínimo, melhor gerenciada. Desse modo, considerando a riqueza de paralelos entre os relatos colhidos, será oportuno abordá-los em conjunto neste trabalho.

## A “pista” enquanto ideal de grupo

As primeiras associações torcedoras em nosso país surgiram entre os anos 1930 e 1940 dentro de um contexto histórico de massificação do futebol profissional que, àquela época, atraía multidões cada vez mais numerosas para os estádios de futebol. Na esteira de uma preocupação disciplinar por parte das autoridades e instituições responsáveis por supervisionar o comportamento das massas torcedoras, esses primeiros agrupamentos despontaram como “núcleos civilizados” (Toledo, 2010, p. 178) em meio a multidões entendidas como rústicas e potencialmente perigosas.

A estrutura dessas primeiras agremiações era muito centrada na figura do chefe de torcida, indivíduos que efetivamente encarnavam o coletivo em relação ao clube e ao conjunto dos torcedores. Por possuir bom trânsito entre dirigentes, jornalistas esportivos e demais agentes institucionais do futebol, o chefe era frequentemente alçado à condição de “torcedor-símbolo”, espécie de portador genuíno do pertencimento clubístico. Sua liderança à frente desses primeiros agrupamentos torcedores tinha um caráter de oficialismo associado “à dupla função das torcidas organizadas em seu nascedouro: vigiar a conduta do torcedor comum e coordenar de maneira organizada o incentivo à equipe” (HOLLANDA, 2012, p. 92).

Na virada da década de 1960 para 1970, esse primeiro modelo de associativismo torcedor passou a ser contestado por alguns integrantes que reivindicavam mais liberdade e autonomia em relação aos círculos institucionais do futebol profissional. Majoritariamente jovens, esses componentes estabeleceram dissidências internas, formas embrionárias das novas agremiações que se consolidaram adiante. Essas “cismas juvenis” (HOLLANDA, 2012) dramatizavam um conflito de gerações que produziu novas identidades e representações sobre o que é ser torcedor, articulando redes de significados em que “a produção da festa nos estádios e o posicionamento crítico e contestador são parte da mesma experiência” (TEIXEIRA, 2016, p. 21).

O nome do primeiro núcleo de torcedores que emergiu desse contexto era emblemático: Poder Jovem. Dissidência da tradicional Charanga Rubro-Negra<sup>7</sup>, estes torcedores passaram a assistir os jogos separados da torcida chefiada por Jaime de Carvalho<sup>8</sup>, estendendo uma faixa com o nome do então grupo dissidente. Foi assim do ano de 1967 até meados de 1969, quando esse núcleo embrionário resolveu se institucionalizar sob o nome pelo qual a torcida é conhecida até hoje: Torcida Jovem do Flamengo.

Esse movimento aconteceu em vários clubes espalhados pelo Brasil, principalmente nos do eixo Rio-São Paulo. A título de exemplo, no Vasco da Gama surgiu em 1970 a Força Jovem do Vasco, dissidência da Torcida Organizada do Vasco (TOV). No Botafogo, a Torcida Jovem do Botafogo rompeu com a hegemonia da Torcida Organizada do Botafogo (TOB) e seu líder Tarzã. No Fluminense, a dissidência recebeu o nome de Young Flu. No Corinthians, jovens torcedores fundaram a Gaviões da Fiel, criada em um contexto de insatisfação generalizada com o jejum de títulos do clube que já chegava a 14 anos. No São Paulo Futebol Clube, de uma dissidência da Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP) surgiu a torcida Independente Tricolor, que como o nome evidencia, encarnava o espírito crítico e independente em relação às diretorias dos clubes. No Santos Futebol Clube, nasceu em 1969 a Torcida Jovem do Santos. Em 1970, foi a vez da fundação da Torcida Uniformizada do Palmeiras, a TUP<sup>9</sup>.

À medida que ganharam visibilidade e reconhecimento popular nas arquibancadas, essas agremiações ampliaram seu alcance. Com o aumento exponencial no número de associados, principalmente nos anos 1980, as torcidas jovens se territorializaram, formando núcleos de bairro que operam como

---

<sup>7</sup> Uma das primeiras torcidas organizadas do Brasil, a “Charanga” iniciou suas atividades em 1942. A partir dos anos 1970 foi perdendo sua força em função do surgimento da Torcida Jovem do Flamengo e, posteriormente, da Raça Rubro-Negra.

<sup>8</sup> Jaime de Carvalho foi um dos principais “torcedores-símbolos” do futebol carioca. Tradicional folião dos bailes de carnaval do Largo do Machado, Jaime encarnava como ninguém o espírito festivo e disciplinador das primeiras torcidas organizadas. Conta-se que no espaço onde ficava a Charanga palavrões e xingamentos eram prontamente reprimidos em nome do ambiente “familiar” que se pretendia manter.

<sup>9</sup> O caso do Palmeiras é um pouco diferente dos demais clubes. O perfil dos torcedores da TUP era diferente das outras torcidas de São Paulo. Muitos dos seus fundadores eram figuras ligadas ao clube, o que configura uma certa semelhança dessa agremiação com a primeira geração de torcidas organizadas. Só nos anos 1980, com a fundação da Mancha Verde, que o Palmeiras passou a contar com uma torcida mais autônoma em relação ao clube. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/tup-torcida-uniformizada-da-sociedade-esportiva->

unidades primárias de socialização no universo torcedor. Isso multiplicou as redes de interdependência sociais a elas vinculadas, gerando mais capilaridade nas periferias e bairros populares, de modo que firmaram-se como pólos de lazer, cultura e sociabilidade para a juventude periférica.

Na esteira dessa massificação, essas associações catalisam projetos e estilos de vida cujas aspirações para o mundo estão fortemente ancoradas em usos do corpo que valorizam a capacidade de se impor perante os outros, de “escapar da marca de otário” (Zaluar, 1997). Buscando elucidar essa questão, Toledo (2012) trabalha com a noção de corporalidade, afirmando que, nessas práticas expressivas,

O corpo emancipará simbolicamente a noção espacial e sociológica de “periferia” e se tornará pedra angular estética de novas gestualidades, sensualidades, masculinidades, virilidades e crítica social no âmbito dos divertimentos e práticas sociais urbanas jovens. (TOLEDO, 2012, p. 128)

As contribuições de Alabarces e Zucal (2008) também são interessantes para melhor ilustrar esse ponto. Ao estudar o “aguante”, categoria nativa que denomina um conjunto de práticas corporais adotados pelos *barras*<sup>10</sup> argentinos, o autor propõe a noção de *corporalidad popular* para dar conta da “identidade-nós” que se constrói através dos agrupamentos torcedores:

[...] las prácticas y representaciones corporales de los hinchas se definen como populares al representar corporalidades distintas a las legítimas y legales. [...] la articulación que los hinchas realizan entre ideales de cuerpo, modelos masculinos y prácticas de enfrentamiento corporal [...] tiene como resultado la conformación de un particular sentido de comunidad constituido en y a través de la experiencia corporal. [...] el “aguante” tiene una dimensión estética que se manifiesta en una corporalidad específica, rechoncha y resistente, que se distingue de la corporalidad hegemónica. (ALABARCES; ZUCAL 2008, p. 276 e 280)

Através dos usos do corpo materializam-se redes de significado que remetem à valores como coragem, honra, virilidade, em suma, de padrões de masculinidade que se estruturam a partir de códigos de enfrentamento pautados pela negação desses mesmos atributos no “outro” - isto é, nos torcedores rivais. É

---

<sup>10</sup> Os barras são aqueles torcedores membros das “barras bravas” argentinas, espécie de equivalentes dos torcedores organizados brasileiros.

através do pertencimento ao grupo, das redes de interdependência construídas por meio dos núcleos de bairro da torcida, que esses valores se estruturam enquanto um projeto coletivo baseado na lógica do companheirismo e autoproteção. É esse projeto que a categoria nativa “pista” sintetiza.

Nos trajetos que um torcedor organizado faz na cidade, os riscos e perigos aos quais eles estão expostos fazem com que o grupo tenha para os indivíduos “uma função protetora indispensável e inconfundível” (Elias, 1994, p. 141). Desse modo, elabora-se uma identidade solidamente ancorada em relação ao que é interno ao grupo, desencadeando uma vivência associativa onde a diferenciação quanto ao que é “externo” se constitui enquanto forte marcador. Esse elemento externo pode incluir tanto os torcedores organizados de clubes rivais - normalmente os principais adversários de “pista” - quanto torcedores ditos “comuns” ou até mesmo torcedores vinculados a outras agremiações do mesmo clube. Através dessa doação física e emocional ao agrupamento, “a paixão pelo clube se converte pouco a pouco na idolatria da própria torcida” (TEIXEIRA, 2016).

Em sua abordagem sobre a cultura funk no Rio de Janeiro, Cecchetto (1997) analisa como os bailes de corredor se caracterizavam pela ausência de uma fronteira clara entre o lúdico e o violento. Neles, as tensões entre as “galeras”<sup>11</sup> davam o tom de uma dinâmica em que os limites entre a competição e a destruição tornam-se difusas, o que gerava rixas que eram levadas para o cotidiano dos jovens fora dos bailes - inclusive no âmbito das torcidas organizadas.

A dinâmica da “pista” guarda muitas semelhanças com a dos bailes de corredor. A escalada de confrontos entre torcidas desde o final dos anos 1980 vem ultrapassando as fronteiras do lúdico, gerando ciclos de vingança que deixaram inúmeros torcedores mortos - vítimas, inclusive, de armas de fogo. Autoridades e imprensa esportiva passaram a repercutir cada vez mais episódios de briga generalizada entre torcedores, construindo uma narrativa depreciativa a respeito

---

<sup>11</sup> As “galeras” eram agrupamentos formados segundo laços de pertencimento territorial que se reuniam com o intuito de irem juntos aos bailes. Dentro dos bailes, as galeras formavam alianças transitórias entresi, formando dois grandes grupos (os “bondes”) que eram separados por uma linha divisória fixada pela organização do baile. Formavam-se assim dois “lados”, o lado A e o lado B, sendo que a tarefa de cada bonde era invadir o lado oponente.

das torcidas organizadas. A abordagem do Estado a respeito destes agrupamentos passou a ganhar tons cada vez mais repressivos e punitivistas, de modo que se institucionalizou uma imagem das instituições torcedoras única e exclusivamente associada à marginalidade e delinquência.

Diante desse contexto, novos atores entraram em cena buscando senão superar o projeto da “pista”, ao menos negociar suas fronteiras e códigos de conduta. Articulado um projeto que tem na apropriação criativa do estádio e na fruição coletiva do espetáculo esportivo uma linguagem para a negociação da realidade, esses atores introduzem novas mediações nas sociabilidades torcedoras que tem a “arquibancada” enquanto categoria chave.

## A “arquibancada” e o pertencimento a uma cultura comum

O cerco do poder público às torcidas organizadas e a intensificação do processo de mercantilização do futebol redefiniram o campo de possibilidades das sociabilidades torcedoras. A repercussão cada vez maior dos violentos confrontos entre torcedores rivais colocou a própria existência dessas associações sob ameaça, já que não eram poucas as figuras públicas que defendiam extingui-las<sup>12</sup>. Reduzidas à condição de gangues de delinquentes por jornalistas e autoridades e aossadas pela modernização elitizante dos estádios que as enxergam como atores indesejáveis, as lideranças de torcida se viram compelidas a “se adequar aos novos tempos”, como pode ser percebido na fala de Alex Minduín, presidente da ANATORG:

Os tempos mudaram, os anos 80 e 90 passaram, hoje se tu briga a torcida fica punida. [...] Quem briga hoje é quem não dá valor à própria liberdade, porque hoje promotor, delegado e jornalista quer fazer nome em cima da torcida.

Minduín tem 43 anos, se forjou enquanto liderança política na torcida Gaviões da Fiel e é filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), partido pelo qual se candidatou a deputado estadual em 2018, recebendo 12.457 votos, insuficientes para que fosse eleito. Atualmente, além de presidir a ANATORG, comanda o setorial de esportes do PT e a equipe de MMA do Sport Club Corinthians Paulista, seu time de coração.

Conhecido por sua reputação na “pista” em tempos passados, a trajetória de Minduín sinaliza para o que Velho denominou de “metamorfose”, isto é, uma dialética através da qual “os indivíduos são constituídos, feitos e refeitos, através de suas trajetórias existenciais [...], contudo sempre guardando algum sinal do estado anterior” (Velho, 1994, p. 8). Se não nega completamente as corporalidades populares de que falam Toledo (2012) e Alabarces (2008), busca reposicioná-las no campo de possibilidades que se inserem através de iniciativas

---

<sup>12</sup> Isso de fato aconteceu após a chamada “Batalha do Pacaembu”, quando o pedido de extinção das duas organizadas envolvidas no confronto - Mancha Verde e Independente Tricolor - foi acatado pela Justiça. Contudo, a extinção foi contornada pelas duas associações, que criaram outro CNPJ e “refundaram” as torcidas com outros nomes: Mancha Alviverde e Tricolor Independente. Outra estratégia das duas torcidas foi investir na atuação nos desfiles carnavalescos oficiais da cidade de São Paulo, o que contribuiu para a sobrevivência institucional das agremiações. A Escola de Samba Mancha Verde já chegou inclusive a ser campeã do carnaval no prestigiado Grupo Especial da cidade.

que valorizam o potencial transformador (e, portanto, de metamorfose) do esporte - como atesta a iniciativa de montagem da equipe de MMA do Corinthians.

Sua fala indica um projeto que busca estabelecer mediações, negociar fronteiras e “metamorfoses” com a “pista”. Apelando para a importância social e cultural das torcidas organizadas para a juventude periférica e o futebol de maneira geral, Minduín busca construir um senso coletivo de responsabilidade em nome da autopreservação dessas entidades.

Essas mediações se valem de linguagens que expressam uma maior evitação em relação à pista e um maior engajamento em relação à “arquibancada” enquanto espaço preferencial de atuação das agremiações. Ao falar sobre os vícios que enxergava nas torcidas organizadas, o relato de Yuri, ex-integrante da Força Jovem do Vasco no início dos anos 2000 e um dos idealizadores da torcida Guerreiros do Almirante, menciona o que ele considera os propósitos do novo movimento:

[...] esses vícios seriam esse tipo de coisa, né? Querer chegar pra cantar música de apologia à morte de torcedor rival em confronto. Essa gente que chega pra fazer covardia por aí, isso daí não era a proposta da Guerreiros do Almirante, a Guerreiros do Almirante foi criada pra arquibancada, e pra arquibancada mesmo, só pra arquibancada. Pra exaltar o clube e tal, então o pessoal que chegou [na GDA] é um pessoal que tava também de saco cheio do que tava acontecendo lá dentro [da Força Jovem]

O termo “covardia” também aparece frequentemente em muitos relatos de torcedores que, como Yuri relata, “estavam de saco cheio do que tava acontecendo” nas torcidas organizadas. Ele se refere primordialmente às condutas desviantes engendradas na “pista” que apontam para essa dubiedade entre o lúdico e o violento, entre a competição e a destruição que Cecchetto (1997) menciona em seu trabalho sobre os bailes funk. Também é importante destacar a alusão ao propósito de “exaltar o clube”, algo que denota um deslocamento do senso de pertença - e, portanto, da balança nós-eu implicada em seu projeto - de Yuri, que passa a se voltar mais às glórias e façanhas do clube do que às do agrupamento em si.

Também o uso do termo “conscientização” é frequente nos relatos dos atores aqui abordados. Ele denota essa busca por ampliar as possibilidades de

“metamorfose” nas sociabilidades torcedoras, como fica evidenciado na fala de Lorenz Melo, ex-presidente da Torcida Jovem do Flamengo:

As torcidas precisam passar por esse processo de conscientização, focar na arquibancada e não na “pista”. Os “caras” usam esta falta de consciência e as rivalidades para acabar com as torcidas. Se o ódio que você tem do seu rival é maior que o amor ao seu clube, você vai acabar prejudicando a sua torcida.<sup>13</sup>

Um dos principais obstáculos apontados para essa “conscientização” é a relação de muitos associados com os núcleos de bairro das torcidas. Como visto anteriormente, a territorialidade exerce um papel importante na socialização dentro da torcida; desde a “concentração” para os jogos até as festas, é ela que situa os associados dentro das redes de relações construídas no universo torcedor, de modo que a experiência social de torcer por um time de futebol mobilizada pelas torcidas está inevitavelmente atravessado pelos laços de pertencimento ao *locus* de socialização no agrupamento. No entanto, a perda de um sentido orgânico de unidade na torcida tem contribuído, segundo os nossos interlocutores, para a perda de “ideologia” das associações. A fala de Milton, integrante da Fanático, torcida vinculada ao Clube Náutico Capibaribe, de Recife, nos fornece alguns elementos importantes nessa direção:

Aqui no Recife a prioridade era o bairro, não era a torcida. Porque começou a pegar esse negócio de galera dentro das torcidas depois que os bailes de corredor acabaram em 2005. Daí as galeras migraram pras torcidas e começaram a levar o baile funk pra dentro delas, e as lideranças não tiveram pulso pra segurar. A “pista” acabou se tornando a prioridade, e não o apoio ao clube. Teve bastante briga dentro das torcidas por causa das galeras. As torcidas perderam um pouco a ideologia por causa disso.<sup>14</sup>

A preocupação com o controle institucional sobre os territórios se expressa na fala de David Barros, assessor especial da Casa Civil do Governo do Estado do Ceará e militante do PT. O governo do Ceará, capitaneado pelo governador petista Camilo Santana, se destacou nos últimos anos por uma abordagem mais receptiva ao diálogo com as torcidas. O reconhecimento do

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ouo-apnxRd8>.

<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_\\_-u-E1XI5OQ](https://www.youtube.com/watch?v=__-u-E1XI5OQ).

papel que estas exercem nas apropriações populares do futebol inaugurou uma nova relação entre o poder público e as torcidas no estado, algo dificilmente observado em outras regiões do país.

Em uma *live* realizada com uma das lideranças da ANATORG em São Paulo, David afirma que um dos objetivos do governo do Ceará é

Fazer com que as torcidas consigam efetivamente influenciar a sua base, de conseguir ter um direcionamento que seja cumprido por todo mundo. Sempre tem a turma que é meio que um ponto fora da curva, que não segue orientação, que tem uma visão mais territorial da sua organização, reconhece muito mais o seu bairro do que a sua torcida. Isso acaba gerando problemas e sobra pra todo mundo. Então se o movimento consegue pensar enquanto movimento, até com formação política mesmo, ele consegue influenciar toda a sociedade e o poder público com a sua agenda.<sup>15</sup>

A fala acima sinaliza para uma reconfiguração do quadro de referências segundo o qual as identidades torcedoras são constituídas. Trata-se de um deslocamento do padrão de relação eu-nós nas identidades torcedoras onde o “nós” deixamos de ser exercido *preferencialmente* em relação às lealdades construídas nos “bairros” e unidades primárias de socialização na torcida, e passa a ser exercido em relação à torcida enquanto parte de um movimento mais abrangente que busca “influenciar toda a sociedade e o poder público com a sua agenda”.

Companheiro de partido de David, Minduin também aponta para a necessidade dessa mediação das sociabilidades torcedoras com a esfera da política:

Quanto mais briga, quanto mais inconsciência, quanto mais alienação as torcidas tiverem, melhor pros caras. O que os caras não querem ver? Os caras não querem ver é gente organizada [...]. Porque gente organizada representa poder, representa mudança na política, gente organizada pode ter representante dentro dessas instâncias [Casas Legislativas] que eu acabei de falar pra vocês. Vai continuar nesse papo de que odeia política que isso não é comigo? Pois bem, eles estão organizados através das igrejas, eles estão organizados através de sindicatos, eles estão organizados através dos meios de comunicação. Vai continuar com esse pensamento? Então beleza, porque os caras querem mais é isso mesmo.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yIQ7GZaYkao>.

A pretensão de fazer avançar a socialização da política no âmbito do universo torcedor tem relação direta com a usurpação dos usos e apropriações coletivas do estádio pela lógica de acumulação do mercado. Ao reconfigurar o campo de possibilidades da sociabilidade torcedoras, ela contribui para que

[...] uma franja importante dessas agremiações [torcedoras] tome consciência dos “costumes em comum”, para usar a expressão consagrada pelo historiador inglês E. P. Thompson (1998), em seus estudos de cultura popular tradicional. A defesa de uma agenda unificada contra o “futebol moderno” permitiu a constituição de uma identidade coletiva, forjada na dinâmica da interação social. Esta tem viabilizado a superação de inimizades e a arbitragem de rivalidades agonísticas interclubes. (HOLLANDA; TEIXEIRA, 2017, p. 241)

Mesmo não sendo ubíquo, o deslocamento do padrão de relação eu-nós nas identidades torcedoras representado por esses novos paradigmas de associativismo torna-se um recurso para a construção de uma “cidadania torcedora”. Essa se baseia nessa invenção coletiva constante de identidades, sujeitos políticos e direitos a partir da “dinâmica dos conflitos reais e da luta política vivida por uma sociedade em particular em um momento histórico dado” (Dagnino, 2000, p. 87).

No âmbito do futebol, esses conflitos se expressam através da insatisfação em relação aos dispositivos de segurança pública que interdita as expressões coletivas das culturas torcedoras e ao processo de gentrificação dos estádios, que afetam duplamente as torcidas organizadas e sua base popular e periférica. É nessa chave da cidadania que motes como o que reivindica o “direito de torcer” são elaborados e apreendidos.

A fala de Wallace “Neguerê”, associado da Força Jovem do Vasco (FJV) e figura influente nas redes sociais vascaínas dá o tom desses conflitos com o “futebol moderno”:

Vai chegar um ponto que todo mundo vai entrar pra dentro do estádio, com seus filhos, com suas mulheres, com seus carros no estacionamento, e o torcedor, que somos nós aqui, vai ficar de fora. Porque não vamos ter dinheiro pra entrar, não vamos ter espaço pra fazer nossa festa porque balançar uma bandeira atrapalha a visão de um cara que pagou ingresso caro né, ele vai reclamar, e a gente vai ter que acabar.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmMSkQzzQ1I>.

Embora tenha havido um deslocamento do padrão eu-nós nas identidades torcedoras em direção a um “nós” mais abrangente, ele não anula as diferenças em nome de uma condição torcedora universal. A diferenciação, que era antes exercida em relação a representações do “outro” encarnadas no torcedor organizado adepto do clube rival ou no “povão” - categoria que denomina de maneira genérica o torcedor não organizado -, é agora exercida não só em relação àqueles torcedores organizados orientados por um ideal de grupo, “que reconhecem mais o seu bairro do que sua torcida”, como mencionado acima no relato de David, mas em representações acerca do público-alvo das novas “arenas” esportivas que se multiplicam Brasil afora, isto é, ao “torcedor-consumidor”. É aquele torcedor que, segundo Neguerê, paga caro no ingresso e reclama da festa das torcidas organizadas por atrapalharem a visão do campo de jogo. É aquele torcedor que é muitas vezes enquadrado em categorias como “modinha” e “nutella”, em contraposição ao “torcedor raiz”.

O relato de Rodrigo, ex-integrante da Força Jovem do Vasco que posteriormente migrou para a Guerreiros do Almirante (GDA), traz alguns elementos interessantes a respeito de como essa identidade enquanto “torcedor raiz” é negociada:

Eu comecei a entender com o que eu me identifico justamente nas caravanas. Porque o cara da GDA que vai em caravana por exemplo, ele é o meio termo entre o maluco de pista da Força Jovem e o cara que é GDA que é povão e que só vai a jogo no Rio. Me identifico com essa galera que tá disposta a ir numa caravana de doidão. E se tu for ver, a maioria dessas pessoas, quase todas, tem uma história antiga em torcida organizada, que ainda tem um resquício de torcida organizada, é uma galera que bota bronca mesmo. Porque tu organizar uma caravana e se responsabilizar por isso, podendo acontecer qualquer coisa, não é qualquer maluco que chega e assume a responsabilidade. Tu tem que ser maluco pra topa uma parada dessa. São pessoas que tem uma história anterior, que tem sangue de torcida organizada.

A vivência da caravana aparece aqui como um marcador importante na construção da identidade de Rodrigo enquanto torcedor. Ao falar sobre o meio termo entre o “cara” que só vai a jogo no Rio e o “maluco de pista” da Força Jovem, Rodrigo se distancia tanto do estigma do torcedor brigão da “pista” quanto do torcedor “modinha” que, mesmo sendo da GDA, não está disposto a encarar os riscos e perigos de uma caravana. Mais uma vez a noção de

“metamorfose” presente em Velho (1994) nos é útil para entender as mediações entre o projeto da “pista” e o projeto da “arquivancada”. Embora a abstração de rivalidades e rixas da “pista” seja defendida em nome da preservação da cultura de arquivancada, a continuidade daqueles elementos da “pista”, isto é, “o cara que bota bronca”, aparece como um traço mediador, um elo de ligação entre a “pista” e o projeto de “arquivancada” que se quer construir.

É essa ligação que permite que figuras como Alex Minduin, conhecido por uma trajetória em que a atividade na “pista” é parte integrante de sua identidade, exerça o papel de mediador cultural, de uma pessoa que consiga articular diferentes redes de significado, transitando entre diferentes segmentos e domínios sociais (Velho, 1994).

São essas mediações que permitem que o exercício da cidadania mobilizado pelo novo quadro de referências identitário das sociabilidades torcedoras seja, de fato, a construção de um sujeito político que expressaria uma “unidade dentro da diversidade” de identidades do universo torcedor (Coutinho, 1980, p. 31, apud Dagnino, 2000, p. 71). Essa reflexão a respeito de como os sujeitos políticos são constituídos é fundamental para pensar a formulação de projetos no intenso jogo de identidades que se observa nos movimentos sociais contemporâneos. No âmbito do futebol ela ensejaria discussões sobre os dilemas e desafios da construção de uma vontade coletiva contra-hegemônica às apropriações do esporte mais popular do planeta pela lógica de acumulação do mercado.

## **Conclusão**

Ao contrário do que possa parecer inicialmente, o objetivo deste artigo não é contrapor “pista” e “arquivancada” enquanto categorias nativas estanque. Ao contrário, a ideia aqui é justamente entender como essas categorias expressam projetos que, ao interagirem, organizam mediações e negociações intensas no campo das identidades torcedoras.

A partir das noções de “identidade-eu” e “identidade-nós” de Elias (1994) buscamos captar o sentido sociológico dessas dinâmicas no que tange à escala social segundo a qual os indivíduos se associam ou se diferenciam, desenvolvendo

formas específicas de dizer “eu” e “nós” na construção de suas identidades sociais. Vimos que nas dinâmicas da “pista” o ideal de grupo prevalece na construção das identidades de seus sujeitos, enquanto que a categoria “arquibancada” condensa uma escala de pertencimentos e lealdades mais difusa e abrangente que tem como marco de referência uma cultura comum em relação às apropriações populares do esporte.

Já através das noções de “projeto” e “metamorfose” de Velho (1994) busquei entender o intenso jogo interativo a partir dos quais esses deslocamentos na escala de pertencimentos operam. Vimos que os discurso de figuras ligadas à ANATORG e a novos agrupamentos torcedores como a GDA desencadeiam negociações entre o projeto da “pista” e o projeto da “arquibancada” que apontam para o alargamento do “potencial de metamorfose” nas sociabilidades torcedoras (Velho, 1994, p. 29). Para isso, processos de mediação cultural são desencadeados sob o signo da “conscientização”. Essa expressa a necessidade das torcidas organizadas articularem estratégias que permitam uma melhor delimitação das trocas agonísticas da “pista” em nome da luta cidadã pelo “direito de torcer”.

### **Referências Bibliográficas**

ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga. “El aguante”: una identidad corporal y popular. **Intersecciones en Antropología**. Buenos Aires, núm. 9, p. 275-289, 2008.

CECCHETTO, Fátima. As Galeras Funk Cariocas: entre o lúdico e o violento. In: VIANA, Hermano (org.). **Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

DAGNINO, Evelina. Cultura, Cidadania e Democracia: a transformação dos discursos e práticas na esquerda latino-americana. In: ALVAREZ, Sonia; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (org.). **Cultura e Política nos movimentos sociais latino- americanos**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DULLEY, Iracema; MUNIAGURRIA, Lorena Avellar. Performance, processos de diferenciação e constituição de sujeitos. **Revista de @ntropologia da UFSCAR**. São Carlos, Volume 12 (1), p. 8-18, 2020.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Vera Ribeiro (tradução). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

HOLLANDA, Bernardo Borges. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MALAIA, João; TOLEDO, Luiz Henrique; MELO, Victor Andrade (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Associativismo Juvenil e Mediação Política: as Torcidas Organizadas de Futebol do Brasil e a construção de suas arenas públicas através da FTORJ e da ANATORG. **Revista Antropolítica**, Niterói, n. 42, p. 236-264, jan-jun, 2017.

MENEZES, Isabella. **Entre a Fúria e a Loucura**: Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Aprendizagens e sociabilidades juvenis: a experiências das Torcidas Jovens cariocas. **Desidades**. n. 13, ano 4, dez, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MALAIA, João; TOLEDO, Luiz Henrique; MELO, Victor Andrade (org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANA, Hermano (organizador). **Galeras Cariocas: territórios de conflito e encontros culturais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.